



EXPERIÊNCIAS DISCURSIVAS DO GESTO DE ENXERGAR: UM ARTIGO NÃO-ARTIGO

DISCURSIVE EXPERIENCES OF THE GESTURE OF SEEING: AN ARTICLE NON-ARTICLE

Rita de Cássia Rodrigues OLIVEIRA¹

RESUMO

O presente artigo se coloca como um ponto de reflexões, partindo de movimentos interpretativos que impulsionaram uma investigação sobre deficiência visual e leitura de imagens, durante quatro anos de doutorado. Reflexões que tomam o escopo teórico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), especialmente os trabalhos de Orlandi (1984) e Souza (1998), sobre a noção de recorte como unidade discursiva e, no campo da materialidade visual, o trabalho ideológico de interpretação da imagem para pessoas com deficiência visual e os deslizamentos de sentido que consideram o ato de enxergar como um gesto interpretativo e discursivo (OLIVEIRA, 2016). O artigo também traz um ensaio - por isso um artigo não-artigo, sobre experiências em relação à cegueira, pautando-se no livro *Ensaio sobre a cegueira*, de Jose Saramago, e no filme homônimo, dirigido por Fernando Meirelles.

PALAVRAS-CHAVE

Deficiência visual; Cegueira discursiva; Análise do Discurso; Ensaio sobre a cegueira; Leitura de imagens.

ABSTRACT

The following article puts itself as a reflection point, starting from interpretative movements which promoted an investigation about visual impairment and image

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente da Prefeitura Municipal de Macaé e da Prefeitura Municipal de Rio das Ostras. E-mail: rita.espanhol@gmail.com.





reading, during four years of doctorate. Reflections which adopt the theoretical scope of the French approach to the Discourse Analysis (AD), especially the academic work of Orlandi (1984) and Souza (1998), about the notion of cuts as discursive unit and, in the field of visual materiality, the ideological work of images interpretation for visually impaired people and the sense slips which consider the act of seeing as an interpretative and discursive gesture (OLIVEIRA, 2016). The article also brings an essay – for this reason an article non-article, about experiences related to blindness, guided by the book *Blindness*, by Jose Saramago, and in the homonymous film, directed by Fernando Meirelles.

KEYWORDS

Visual impairment; Discursive blindness; Discourse Analysis; Blindness; Image reading.

INTRODUÇÃO

(...) costuma-se até dizer que não há cegueiras, mas cegos, quando a experiência dos tempos não tem feito outra coisa que dizer-nos que não há cegos, mas cegueiras.

(SARAMAGO, 2012, p. 306)

O que desenvolvemos nestas linhas, ou pelo menos como desenvolvemos, é algo que talvez possa ser, num primeiro momento, visto/ enxergado/ olhado como menos acadêmico. Porém, alertamos que, se essa impressão se estabelecer durante a leitura, não significa que o que está registrado seja menos científico, nem menos digno de ser apresentado por escrito cumprindo formalidades necessárias para se vestir de artigo. São palavras que propõem um movimento fluido, uma vez que é o repensar, desconstruir e reconstruir, é a fluidez desesperada do deixar em aberto, é o vaivém das ondas e a transmutação das espumas que desencadeiam toda a vida das ciências, bem como os avanços da humanidade (e por que não os retrocessos?).



Tal movimento fluido não deseja revisitar direcionamentos circulares, retilíneos, pontilhados, sinuosos, nebulosos - por mais que estejamos num aqui-agora de nuvens - hipertextuais, etc. O movimento que se faz mister é a geração de um artigo não-artigo, para pensar sobre o todo, que inclui o acadêmico. Uma espécie de ensaio dentro de um artigo para dimensionar conceitos discursivamente.

O que compartilhamos são pensamentos que impulsionaram uma investigação, durante quatro anos de doutorado, sobre deficiência visual e leitura de imagens; reflexões para a vida antes de mais nada, seja essa vida acadêmica ou não. Verdades, mentiras, pensamentos, comodismos e relações disseminados sobre o conceito de cegueira e sobre os modos de experienciar cegueiras são explorados ao longo de duas obras que tomamos aqui como salientadoras de antigas novidades que necessitam de reflexões, em dias atuais muito especialmente. As obras são: o livro de José Saramago 'Ensaio sobre a cegueira' e o filme homônimo dirigido por Fernando Meirelles. Neste escrito, os trechos que estão grafados em negrito foram retirados do livro e de algumas cenas do filme.

Optamos por não deixar as referências completas com número da página de onde foi retirado cada trecho, porque percebemos que vários deles vão e voltam ao longo do livro com diferentes possibilidades de sentidos. Além disso, entendemos que, se o leitor ou a leitora deste artigo não-artigo sentir a necessidade de buscar o trecho em seu lugar original (se podemos considerar assim: 'original'), deverá para isso ler o livro todo e assistir ao filme como forma de sentir o pulsar, os gritos e os silêncios das palavras. Nossos recortes do livro e do filme são um possível, e não um único. Trazendo luz à reflexão sobre esse lugar original da palavra,



temos o trecho inicial da aula inaugural de Michel Foucault, pronunciada em 1970, no *Collège de France*:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível. (FOUCAULT, 1996, p. 5-6)

Não pretendemos que nossas reflexões se restrinjam a fazer paralelos, julgamentos, avaliações, nem comparações categóricas entre o livro e o filme. Tampouco buscamos analisar o papel social e atuação artística de personagens. Essas pontes são relevantes, mas deixamo-las para os críticos, que muito bem já as fizeram (e um dia, quem sabe, poderão refazê-las...se é que estão prontas). Propomos recortes do livro e do filme que nos apontam questionamentos sobre como olhamos, vemos e enxergamos – não exatamente nessa ordem.

1. DESLIZANDO PARA VER MELHOR

A memória para nada servirá, pois apenas será capaz de mostrar a imagem dos lugares e não os caminhos para lá chegar.

(SARAMAGO, 2012, p. 211)

Antes de apresentar o ensaio dentro do artigo, é preciso passar por algumas discussões teóricas que foram apresentadas por Oliveira (2016). É



necessário considerar que estabelecemos que cegueira, deficiência visual e vidência são possibilidades do gesto de enxergar - a partir da noção de recorte dada por Orlandi (1984); cabendo ressaltar que isso nos aponta para a existência de uma humanidade em que todos temos, em menor ou maior grau, cegueiras (não a deficiência visual técnica/ opositiva, ditada pelas organizações de saúde, mas uma deficiência visual discursiva). Sendo assim, cada ser humano pode ser teórica e metodologicamente posto como uma forma-sujeito cego.

Althusser (1973, p. 67) coloca que todo ser social se “reveste de uma forma- sujeito para ser agente de uma prática”. Portanto, pessoas com deficiência visual técnica e cegos são designações que neste trabalho relacionamos com o conceito de ‘forma-sujeito cego’, não por uma questão de politicamente correto e sinonímia, mas por dialogar com nossa proposta teórica. (OLIVEIRA, 2016, p. 14)

Esse raciocínio não quer dizer que não tenhamos consciência de que o mundo, em geral, estabelece suas diretrizes em torno de quem enxerga com os olhos, de quem possui a ‘vidência’, ou seja, em torno daqueles que não são considerados como tendo deficiência visual, cegueira ou baixa visão, por exemplo. Também não significa que desconsideremos os problemas de toda ordem que surgem no mundo pautado em um enxergar com os olhos como centro e um não enxergar com os olhos como margens. Além disso, não estamos nos posicionando no sentido de reduzir a deficiência visual técnica ao instaurarmos que tanto a vidência quanto a deficiência visual são possibilidades do enxergar. Oliveira (2016) se vale do conceito teórico e metodológico de forma-sujeito cego para se referir a pessoas com deficiência



visual técnica. Neste artigo, trazemos a noção de forma-sujeito cego para englobar os seres humanos dentro da proposta de cegueira discursiva.

A noção de forma-sujeito se refere a uma forma da qual todo ser social se reveste para ser agente de uma prática, é a constituição de indivíduos concretos em sujeitos, posição discursiva, é uma dissimulação de seu assujeitamento ideológico sob aparência de autonomia, é a “existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais” (Althusser, 1973, p. 67). Pela forma-sujeito, o sujeito se identifica com a formação discursiva que o constitui. (OLIVEIRA, 2016, p.46)

O sintagma ‘deficiência visual’ possui, portanto, uma dupla consideração a ser estabelecida aqui:

- a) de caráter técnico – deficiência visual a que denominamos opositiva, que considera uma certa oposição entre enxergar com os olhos e não enxergar com os olhos. Ainda que as organizações de saúde reconheçam os graus de deficiência visual, o parâmetro é a visão com os olhos;
- b) de caráter discursivo, ou seja, não opositivo, que não considera oposições, mas sim fluidez, recortes, deslizos e possibilidades. Provocando o que estabelecemos como recortes do gesto de enxergar: vidência, cegueira discursiva, deficiência visual técnica ou opositiva.

Não nos valem aqui da perspectiva oftalmológica, nem pedagógica da cegueira, mas sim da discursiva. Tomando a fluidez do gesto de enxergar, não nos atemos a um órgão do sentido específico, mas nas possibilidades de enxergar com outros órgãos e, por deslizamento de sentidos, tatear, ouvir-ler, e não somente olhar.

No livro e no filme, é notável que a personagem com cegueira congênita é quem mais vê dentro do espaço dedicado às pessoas contaminadas com cegueira branca, sendo que essa mesma personagem não possui cegueira branca e deixa



transparecer seu caráter deteriorado e, em certa perspectiva, desumano. A personagem que é esposa do médico não possui deficiência visual opositiva, nem a cegueira branca e se vale disso para transitar por todas as alas. Ambas as personagens nos instigam a repensar o que é o ver, o enxergar, o olhar e como esse repensar pode moldar nosso poder de agir no mundo e de existir.

Precisamos redimensionar as ações de enxergar-olhar-recortar-ver-visualizar. Tentamos chegar a um consenso entre as concepções dicionarizadas desses verbos e suas ações, porém, são um tanto desencontradas, cada dicionário propõe um verbete com detalhes distintos. Decidimos propor nossas concepções para cada ação.

Trabalhamos com a noção de que o ato de ver não pode ser considerado como determinado somente pelos olhos (fisiologicamente) – ainda que, como escreveu Saramago “**a fama tem-na os olhos**”. Isso permite que, mesmo sem enxergar com os olhos, alguém consiga visualizar um conceito ou um objeto, pois há outros meios, que não os olhos, de tornar algo visível e visualizável: a visão das mãos, dos dedos, do corpo, da voz, da pele, do cheiro. É uma forma diferenciada de se ter olhos que veem, independente do que se quer ou do que se precisa ver.

Elaboramos a tabela a seguir², com uma seta indicando o início e a culminância dessas ações. Na primeira linha, temos as ações de enxergar com os olhos e, na segunda, ações de enxergar não necessariamente com os olhos, mas com as mãos, com os ouvidos. Consideramos a ação de enxergar como sendo de ordem do física, enquanto a ação de ver seria da ordem do discurso, um gesto de interpretação que deriva da unidade discursiva do recorte.

² Baseada na tabela proposta por Oliveira (2016).



Quadro: Deslizamentos do gesto de enxergar

ENXERGAR COM OS OLHOS	OLHAR	RECORTAR	VER	VISUALIZAR
ENXERGAR COM TODOS OS ÓRGÃOS DOS SENTIDOS	OUVIR- LER/ TOCAR/ TATEAR/ CHEIRAR/ DEGUSTAR	RECORTAR	ESCUTAR/ SENTIR/ VER	VISUALIZAR

Fonte: Elaboração própria.

Notadamente, realizamos deslizamento de sentidos. No AAD 69, Pêcheux traz a noção de efeito metafórico – tendo metáfora como transferência - produzido por deslizamento de sentidos ou movimentos de interpretação. Pêcheux (1975) propõe que o sentido pode ser percebido nas relações de metáfora (efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos) em que a formação discursiva vem a ser historicamente um lugar provisório.

O deslizamento de sentido de ‘X’ para ‘Y’ faz parte do sentido de ‘X’ e de ‘Y’. É o mesmo e o diferente nessa relação de metáfora como transferência, deslocamento, deslizamento. A metáfora é constitutiva do processo de produção de sentidos e da constituição dos sujeitos (ORLANDI, 2010). É o mesmo significando diferentemente, compondo uma rede de memória.

Além da noção de deslizamento, é importante trazer a noção de recorte (ORLANDI, 1984) como uma unidade discursiva. Por sua vez, unidade discursiva é definida como fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação, fragmento da situação discursiva. “O recorte é naco, pedaço, fragmento. Não é segmento mensurável em sua linearidade” (ORLANDI, 1984, p. 16). Contrastando recorte com segmento, a autora observa que o segmento é unidade da frase ou do sintagma, por exemplo, enquanto o recorte é unidade de discurso.



O recorte está atrelado à interpretação, à produção de sentidos pelos sujeitos. Um recorte nos apresenta a impossibilidade de o ser humano ver o todo, ainda que tenhamos a sensação de que podemos fazê-lo. Temos uma falsa certeza de poder ver o todo. Enganamo-nos, mas acreditamos no recorte como sendo o nosso todo. Sendo o recorte um fragmento, ele nunca será o todo, mas sim o todo de cada sujeito – de cada forma-sujeito cego.

Portanto, enxergar com os olhos deslizamos para enxergar com as mãos e com os ouvidos, por exemplo. A funcionalidade dos órgãos dos sentidos como a de olhar deslizamos para ouvir-ler. Independentemente se uma pessoa ouve ou olha, ela recorta. Ao recortar, tomando o recorte como uma unidade discursiva, a pessoa fragmenta o que ouve ou o que olha e determina formações discursivas a partir desse recorte.

Chamaremos então formação discursiva aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada determinada pelo estado da luta de classes, determina “o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma alocação, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc). Isto significa colocar que as palavras, expressões, proposições etc. recebem seus sentidos da formação discursiva na qual são produzidos. (Pêcheux, 2009, p. 146-7)

Tendo recortado, cada forma-sujeito cego vê ou escuta, ou seja, toma consciência sobre a essência de algo que viu ou ouviu, dedica atenção, contempla. A partir desse ver ou desse escutar, há visualização, ou seja criação de uma noção própria/pessoal daquilo que viu, criação de uma imagem mental em relação a um conceito, ideia, forma ou objeto, pura e plena interpretação.

Beijar, sonhar, dormir!³

³ Ensaio que impulsiona o trabalho de Oliveira (2016).



Os outros sentaram-se a ouvir ler o livro.

(SARAMAGO, 2012, p. 306)

Beijar, sonhar, dormir! Pelo menos três coisas boas que fazemos de olhos fechados. Olhos fechados: quantos sentidos dormem e são acordados dentro deste dizer. Expressão que compreende o desenrolar costumeiro de uma ação, ou simplesmente evoca o ato físico de ter as pálpebras unidas (por alguns instantes ou por mais tempo), ou ainda um ‘não ver’? Sentidos fluidamente possíveis. Para se fechar os olhos é preciso ter olhos? ***As frases feitas são assim, não têm sensibilidade para as mil subtilezas do sentido.*** Invisibilidade só existe se fechamos os olhos? O que se vê quando as melhores coisas da vida são invisíveis? Se não as podemos ver, talvez possamos viver as melhores coisas, senti-las com nosso respirar, percebê-las com nosso olhar, tocá-las com nosso olfato, desejá-las com a força de nossas artérias.

Os olhos propriamente ditos, não têm qualquer expressão, nem mesmo quando foram arrancados, são dois berlindes que estão para ali inertes; as pálpebras, as pestanas, e as sobrancelhas também, é que têm de encarregar-se das diversas eloquências e retóricas visuais, porém a fama têm-na os olhos. Esses mesmos olhos têm a pretensa posse da visibilidade, da completude, do saber e, por que não, da realeza – ***Afinal, em terra de cego quem tem olho é rei.*** Os olhos fazem com que a visão se reduza fisicamente a um só órgão, ao olho, quando a experiência nos mostra a extensão quase infinita que se tem em relação às possibilidades do enxergar-olhar-ver não necessariamente com os olhos.

Mas pobre dos olhos, eles não fazem nada. Quem lhes confere toda essa proliferação instável e heterogênea de sentidos? Quem os sobrecarrega



com todos essas funções? Quem os culpa por trazerem em si mesmos a redução de vários órgãos do nosso expressar? Podemos ver além da mera aparência daquilo que nos chega aos olhos?

O filme propõe ser um ensaio sobre a cegueira já ensaiada sob a forma de livro. O que aparece na tela no princípio são vultos, recortes e distorções, alternando-se com a nitidez. As cenas nos trazem partes pequenas de situações de um trânsito caótico. Buzinas, apitos, freios usados bruscamente, música que vai passando, sirenes, tensão dos carros e derrapagem de rodas. O caos é visto muito mais pelo som, pelo escandaloso buzinaço, pelos burburinhos estressados das pessoas, do que propriamente pelas imagens, que são bastante fragmentadas. Essa fragmentação deixa ver uma sintaxe imagética recortada discursivamente, como é o ver de uma imagem, como é o ponto de ‘partida’, ou o recorte inicial de alguém que olha uma imagem e a deseja ver. As cenas/ imagens iniciais nos trazem mais intensamente a sensação de rapidez ou velocidade do que a de caos. Mas qual seria o som do caos no trânsito? O que seria um trânsito caótico para ocidentais e orientais, por exemplo? Várias possibilidades de concreto, de areia, de mar, de movimento, de sentidos. Repensar os absolutos, os extremos, as razões. Como decifrar uma imagem? Que órgãos dos sentidos nos permitem andar vendo a cidade ou nos permitem existir no mundo?

O semáforo: um recorte do fragmento do trânsito rápido e caótico; o som do semáforo que no dia a dia não nos damos conta indicando a alternância entre as cores vermelha e verde. Vermelho acende. Vermelho apaga. Verde acende. Verde apaga. Sucessão de cores recortadas em que o amarelo não entra, precedida e sucedida por um som imperceptível ao



ouvido humano que está lá embaixo, na via do caos. Som perceptível aos que recortam o mundo, conseguem subir até o semáforo e entendem que a alternância entre uma lâmpada e outra não gera somente mudança de cores e, conseqüentemente, das ações que cada uma simboliza e exige, mas gera também um som. Ou seria ele mesmo, este som, não gerado, mas sim o gerador das mudanças de cores nos semáforos? Enganamo-nos ao pensar que a natureza de nossos discursos é sempre pertencente aos sentidos pré-estabelecidos pela 'lógica' da experiência, sem perceber que a cor pode se tornar ruído, o ruído pode estabelecer uma cor e ele pode se transformar em imagem, além de se deixar converter em uma ação.

A cegueira discursivamente considerada abre as portas para o recorte das sensações, para a experimentação das emoções, para sinestésias desprezadas pelo mecanicismo da vidência e pela aparente transparência das práticas humanas. ***E como saberás tu que é dia, pelo sol, pelo calor do sol.*** A cegueira torna, por exemplo, ***o sentido da audição por cima do que é normal*** o que se percebe, tanto no livro como no filme, de forma bastante evidente na personagem que faz o papel de contador (homem com deficiência visual sem cegueira branca), que possui seus sentidos muito mais aguçados do que os personagens que se tornaram cegos depois (com cegueira branca).

A deficiência visual faz da ***voz a vista de quem não vê***. No livro de Saramago, há várias passagens com leitura de histórias para as pessoas com cegueira branca e esse ato tem uma expressão que o resume bem: 'ouvir ler'. ***Os outros sentaram-se a ouvir ler o livro.*** Uma imagem, uma paisagem, uma pintura, por exemplo, ficam assim parafraseadas⁴,

⁴ Souza (1998) propõe que a imagem não é visível, torna-se visível a partir de um trabalho ideológico de interpretação.



contidas, conduzidas pelo verbal e depois serão, polissemicamente⁵, interpretadas com uma visualização. Uma visualização que se produz pelo gesto de ouvir ler. Parece um devir da chegada pretensamente contida de um sentido que não é um, são vários.

A cegueira explora nossas imagens em tal nível de profundidade que chegamos a ser vistos por essas mesmas imagens, sabemos que elas nos veem, e vice versa, mesmo que nos falte a vidência (comumente tomada como oposta à deficiência visual opositiva/ técnica). **Todas as imagens da igreja estão com os olhos vendados**, todas entraram numa **noite branca**, não há nenhum santo para nos contrariar, julgar ou aconselhar, pois, assim como o monumento brasileiro ‘A Justiça’, estão todos os santos com vendas no rosto.

Entendemos a vidência de modo a reavivá-la como um recorte da cegueira, pois, se todos, em certa medida, não podemos ver o todo que pensamos ver, todos nós temos cegueiras - do ponto de vista discursivo e como derivadas do gesto interpretativo de enxergar. O fato de uma pessoa poder ver com os olhos, a que comumente se denomina ‘vidência’, não tira dela o seu inconsciente de poder ver o todo, também não a faz ver mais nem melhor que outros, e aí reside nosso pensar na vidência como um recorte da cegueira. **Como foi que se reconheceram, ora essa, pelas vozes, claro está, não é só a voz do sangue que não precisa de olhos, o amor, que dizem ser cego, também tem sua palavra a dizer.** A voz que vê, os olhos que dizem, as sensações de cegar.

⁵ Orlandi (1984, p. 10) considera polissemia como *a multiplicidade de sentidos de que é capaz de se revestir qualquer ato de linguagem, qualquer unidade de linguagem em uso.*



O **disco amarelo**⁶, que não aparece no filme, é o primeiro elemento a ser considerado já nas linhas iniciais, iluminando-se. Um exemplo dos recortes que o filme fez do livro, silenciou a cor amarela, recortou o semáforo. Semáforo recortado, lâmpadas e cores recortadas, o simbólico do amarelo silenciado, sons recortados, percepções e experiências recortadas. Um recorte que nos apresenta a impossibilidade de o ser humano ver o todo, ainda que tenhamos a sensação de que podemos fazê-lo. Temos uma falsa certeza de poder ver o todo. Enganamo-nos, mas acreditamos no recorte como sendo o nosso todo, (e isso nos basta...nos basta?). Parece mesmo que nossa natureza é essencialmente inconsciente e amnésica (enriquecida com esquecimentos). A cegueira acontece quando nos permitimos ver, ainda que essa permissão não tenha consciência **com dentes para morder**. Ao ver-olhar cegamos, sem nos saber cegos.

Residiria aí a opacidade do nosso ver cotidiano? Uma sensação (in)consciente de transparência, de certeza de ver, de enxergar, de perceber o que em sua completude não se pode ver, se é que não acabamos nos contradizendo ao falar em completude diante de nossos discursos, sejam eles imagéticos, sonoros ou de qualquer outra natureza ou matéria simbólica. A sensação de transparência seria algo próximo ao ‘ver de mentira’ filosofado pela personagem do velho da venda preta? Em que consistiria o ver de verdade? O acreditar no recorte como sendo o todo não seria uma falta de lucidez, sendo o próprio germe do ver/ olhar humano? E se assim o fosse, ou se assim o é, não seria toda a humanidade cega, toda a humanidade seria um conjunto de **caranguejos coxos agitando as pinças trôpegas à procura da**

⁶ O livro ‘Ensaio sobre a cegueira’ de José Saramago conservou, a pedido do próprio autor, a Língua Portuguesa utilizada em Portugal.



perna que lhes faltava, ou ainda **formigas que vão no carreiro**? E quem nunca viu um carreiro de formigas saberia compreender a analogia entre a humanidade e as formigas?

Cega de cegueira branca ou preta? Teria a cegueira uma cor ou uma ausência de cor? E, nesse passo, tendo todos uma cegueira discursiva, poderíamos teorizar sobre cegueiras simplesmente (como possibilidades de ver algumas coisas em detrimento de outras), ou em olhares (incluindo a cegueira como um recorte do olhar). Sugerimos que todos somos, em certa medida, ocupantes de uma forma-sujeito cego, ratificando o que Saramago dita como verdade da experiência ao mencionar que não há cegos, mas cegueiras. Isso nos impulsiona a repensar conceitos e noções tais como: visível e não visível, cegueira e visibilidade. A deficiência visual é uma das muitas formas de cegueiras? Ou também uma das muitas formas de olhares?

Mais recortes cinematográficos, agora aéreos. Um cruzamento. Uma via de acesso ao cruzamento, com suas sinalizações horizontais, seus transeuntes, seus veículos, seus prédios, seu caos, sua urbanização. O verde acende, o avião passa, mas um dos carros não segue como esperado normalmente, como exigido pela mudança de cores do semáforo para o verde. Os outros carros passam. As pessoas também, assim como as vozes, os gritos e as buzinas. Tudo vai passando e a visão fica branca. A visão do condutor ficou branca. Ele cegou em meio ao mar de leite. Agora **ele é só um cara cego**, no meio de tantos outros, um cara que nada em leite, que vê uma luz no meio do mar, do nevoeiro, um cara que **se afoga na maré branca**. Ele é só um cara cego que deixou de ver o seu apartamento belamente decorado, o caos do trânsito, o rosto da esposa, a mão que o ajuda e o assalta. Ele é só um cara cego que pode agora ver o alojamento



sujo, apertado e fétido, a esposa com cegueira branca ao seu lado, o homem que roubou seu carro, o médico que o encaminhou ao hospital, o calor no rosto e o cheiro quente, ácido e podre do ar. **Estar cego não é estar morto, mas estar morto é estar cego.**

A cegueira é branca, é negra, é rosa, é verde, funde-se no espectro solar. **Se efectivamente são cores o branco e o negro.** A luminosidade é intensa demais. Colírios, lentes, óculos escuros. O farol alto do carro cega temporariamente. Podemos ver no escuro? A claridade é o que nos permite ver? Ver é atividade exclusivamente ocular? **Já tinham uma luz dentro das cabeças, tão forte que os cegara.** O olho mágico, o microscópio e as lentes de diagnóstico oftalmológicas também podem ver ou são ferramentas que nos ajudam a recortar? **Eu acabei de ficar cega,** isso é contagioso. O não ver, o não querer ver, o não poder ver: recortes, possibilidades de olhares, cegueiras, contágios, epidemias, pandemias.

A cegueira branca é um recorte da cegueira preta? A cegueira tem cor? Existe uma cegueira incolor? Ela é um recorte da visão? A visão é um recorte da cegueira? Existe um quem nasceu primeiro: a vidência ou a cegueira em meio ao mar longo e fluido de possibilidades de olhares? Se recordarmos o princípio bíblico do mundo, na criação imaginada do universo, Deus viu que a escuridão não era algo bom e promoveu a luz, sinal de que o “começo de tudo” foi sem luz, mas nem por isso cego, uma vez que naquele tempo escuro não havia nenhum ser humano ainda para contar a história, ou melhor, para ver ou deixar de ver. **Precisamos de luz. Sem luz não há imagens.** Fiat lux! No livro e no filme a cegueira não é ausência de luz, mas de lucidez, e se formula em um branco leitoso, forte, que acaba cegando como as luzes e clarões internos que os seres humanos



induzem constantemente e vão os deixando apavoradamente ignorantes - um ‘sinônimo’ possível para a cegueira dentro do livro e do filme)⁷.

O tom de voz é um recorte. **O medo cega. Está com medo de fechar os olhos? Não. Estou com medo de abrir. Medo de ficar cega enquanto dormir.** O mundo exterior e o mundo interior: mais do que complementares, duais ou antagônicos, são recortes, são fluidos, são espaços abertos. As camaratas e o muro vigilante, o mundo ‘vidente’ e as alas ‘cegas’, o existir e o ser, o que a mente pode imaginar e o que os olhos podem ver são muito mais do que polos de oposições e complementações, são interpenetráveis, não começam nem acabam, são grandezas contínuas, são discursivamente recortados. As aparências que nos enganam: recortes. **Ficando por esta via demonstrado, mais uma vez, que as aparências são enganadoras, e que não é pelo aspecto da cara e pela presteza do corpo que se conhece a força do coração.** Nascer cego, estar cego, ser cego, ficar cego, querer cegar: recortes, cegueiras. **Ceguei quando estava a ver o meu olho cego.**

O que o livro coloca e o filme mostra o tempo todo é que devemos virar o nosso olho (**único lugar do corpo onde talvez ainda exista alma**)⁸

⁷ De certo modo, é esse sinônimo o que fala mais alto se pensarmos na obra ‘Ensaio sobre a lucidez’, também de Saramago, em que, quatro anos após a onda de cegueira branca, os resultados eleitorais deixaram ver um “corte de energia cívica” desencadeado pela radical opção pelo voto em branco – outra epidemia branca. O branco da reflexão, da volta da consciência e que afasta o medo e a mediocridade.

⁸ Em algumas culturas orientais, existe o hábito de se contemplar a região do meio da testa, entre as sobrancelhas, como sendo o terceiro olho. Dentro da Filosofia e da Psicologia dos praticantes de Yoga (ÁNANDAMÚRTI, 2000), esse ponto do corpo físico se correlaciona a uma parte do corpo sutil chamada de sexto chacra – *Ajna chakra*, ou o ponto de intuição, ou ainda lugar que permite a conexão com a espiritualidade. É associado ao elemento luz e cuida da saúde dos olhos e do hipotálamo. Em geral, dores de cabeça e pesadelos têm relação com essa região físico-sutil.



para dentro como um espelho, recortando-nos a nós mesmos, vendo uma parte refletida de nós, a fim de tentar compreender a cegueira branca, a fim de tentar reverter aquela cegueira em que não se quer tomar consciência de algo. Deveríamos para isso meter **a consciência na cor do sangue e no sal das lágrimas** e deixar de viver **às cegas** (sem querer ver)? **Como poderíamos nós que apenas vemos saber o que nem ele sabe.** Até que ponto está a cegueira relacionada à sapiência? **Alguns destes cegos não o são apenas dos olhos, também o são do entendimento.** Será a cegueira sinônima de ausência de saber, de consciência? **Sabia que a sua imagem estava ali a olhá-lo, a imagem via-o a ele, ele não via a imagem,** mas a sabia.

A contagem dos passos até o banheiro, o pulso com o relógio, o abraço, o beijo e as cabeças nos ombros saudosos, a roupa, a nudez, o cheiro, o calor, a urina e a água do banho: recortes. As lembranças do passado ‘vidente’ e a cegueira branca do presente: recortes. A voz e a audição: recortes. O branco e o preto, o transparente e o reflexo no vidro: recortes. O cão das lágrimas, o médico, a recepcionista, o menino, o ladrão, o taxista: recortes de humanos. Conferência, mesa redonda, seminário, ignorância geral: recortes. A burocracia, a epidemia, as ‘camaratas’: recortes. O branco, a dor, o isolamento, o sanatório, a pesquisa, a cura: recortes. O carro, o avião, a estrada, o trânsito, o caos, o pânico, a cegueira, os problemas: recortes. A tropa, a multidão, a humanidade, os cegos, os guardas: recortes. A aliança, o amor, o sexo, o desejo, o ciúme, a compaixão, a juventude e a velhice: recortes. Olhos abertos, cegueira, a audição, a visão, o paladar, o tato, o olfato e o sentir: recortes. O tiro, a voz, o morrer, o viver, o deitar, o sentar, o pensar, o balançar: recortes. O rádio, o telefone, a televisão, a voz



mecanicamente humana: recortes. Alegria e tristeza: recortes. Os valores morais, a dignidade, a podridão humana: recortes. A vigilância, ala 1, ala 3, o controle, o aparelho bélico: recortes. Possibilidades de repensar o olhar, o ver, o enxergar, o sentir, o existir, o agir. **Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.** O recorte é o fundamento da visão, que não é linear, nem transparente, nem total, nem cega, mas um recorte de cegueiras, ou talvez um recorte de visibilidades...

Nos meus sonhos você é sempre bonita, a subjetividade do olhar é um ponto quase inquestionável, uma **questão privada entre a pessoa e os olhos com que nasceu**, uma questão de se ter ideias e opiniões, de pensar, de interpretar e não necessariamente de se ter olhos. Uma questão que não passa pela vontade própria do indivíduo, mas por toda a formação ideológica que o impele a agir de uma forma e não de outra, a dizer de uma maneira e não de outra, independente dos olhos em si. Sonhar é uma possibilidade de ver, **há uma grande diferença entre um cego que esteja a dormir e um cego a quem não serviu de nada ter aberto os olhos. Os olhos não são mais do que lentes, umas objectivas, o cérebro é que realmente vê.** Então por isso estariam os cegos nas camaratas de um manicômio (**o mundo está todo aqui dentro**), uma vez que a cegueira seria um distúrbio ou deficiência do cérebro? **A cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança.**

A perna podre, a fome, a necessidade fisiológica, a guerra, a decadência, a liberdade, a sujeira, o abrigo, a chuva, o carinho, a família, o retorno da visão: recortes. O toque, o beijo, o cachorro, a lágrima, o corpo sendo devorado furiosamente, os coelhos e as galinhas: recortes, memória. Formas, planos, contornos, superfícies e cores podem ficar retidos na



memória, auxiliando a **suportar a cegueira em cegos não congênitos?** Recortes que permitem ver o feio e o belo da visão de mentira. **A cegueira é uma dádiva para os feios.** Memória que nos impulsiona a **ouvir uma música dentro de nossa própria cabeça.** O ontem no hoje, momentos de vida, modos de ver, memória recortada. **E aventurar-se, sem mão de guia nem trela de cão, no labirinto dementado da cidade, onde a memória para nada servirá, pois apenas será capaz de mostrar a imagem dos lugares e não os caminhos para lá chegar.** Valerá essa imagem por mil palavras? **Calemo-nos todos, há ocasiões em que as palavras não servem de nada.**

O desejo de todos os personagens cegos era único: ver. **Eles enxergariam novamente. Desta vez eles iriam ver de verdade.** Mas qual verdade eles iriam ver? A verdade que sai dos olhos do cego no consultório médico? A verdade que o confessorário de lentes oftalmológicas deixa ouvir? As verdades dos videntes, dos cegos de brancura, dos cegos de negrume? A verdade da consciência? **Quantos cegos serão precisos para fazer uma cegueira?** O que enxergariam afinal? A verdade seria então acordar a **imunda e rastejante besta do pavor?** O medo é capaz de cegar uma geração?

Mas quem ficaria tão inseguro a ponto de se prender ao cobertor da cegueira. A cegueira é mais um véu preto, mais uma membrana, mais uma capa, mais uma maquiagem. Nem culpados, nem inocentes, cegos, **simplesmente cegos, cegos sem retóricas nem comiserações.** Cegos ou fantasmas? **Ser fantasma deve ser isto. Ter a certeza de que a vida existe, porque quatro sentidos o dizem, e não a poder ver.** Fantasmas não, apenas seres humanos, pois os ditos ‘cegos’, se não a podem



ver, podem vivê-la (digna ou indignamente), percebê-la, senti-la. ***O mal é sermos cegos. Como se chama? Os cegos não precisam de nome, eu sou esta voz que tenho, o resto não é importante.***

As personagens se reconhecem e se conhecem pela voz, pelo papel social que exercem e por números. Outro recorte da sociedade. Não há uma caracterização específica. A identidade é a cegueira, e o **“mundo está cheio de cegos vivos”**. Em ambas as obras, as personagens não possuem nomes próprios, são apenas recortes sociais, reflexos de um pequeno fragmento do ser: mulher do médico, médico, ladrão, primeiro homem a ficar cego, guardas, ministra da saúde, consultora financeira, homem cego, motorista de táxi, a mulher dos óculos escuros, o velho da faixa preta, o contador, o rei da ala 3, etc. **“Dentro de nós há uma coisa que não tem nome. Essa coisa é o que somos.”**

(RE)CONSIDERAÇÕES FLUIDAS

São muitos os gestos de interpretação. E toda interpretação perpassa a noção de recorte como unidade discursiva e, especialmente, no campo da materialidade visual, o recorte só amplia o horizonte de interpretações, trazendo-nos possibilidades de sentidos, proliferando criativa e polissemicamente fragmentos e mais fragmentos. Os gestos interpretativos do ato de enxergar nos permitem colocar, discursivamente, a cegueira discursiva, a deficiência visual opositiva e a vidência como fluidos possíveis, como recortes. E para fazer esses recortes, a forma-sujeito cego ganha contornos universais.

O ensaio deste artigo trouxe o verbal para delinear os caminhos interpretativos das imagens (cenas do filme e imagens mentais promovidas



pelo livro), recortando-as, tentando traduzi-las. Nesse propósito, a imagem funcionou contida pelo verbal escrito. A imagem foi, então, presenteada com uma máscara verbal que permite o recorte, mas a máscara não serve, não cabe na pretensa visibilidade total da imagem. Não há uma relação de superioridade e inferioridade entre verbal e visual, cada qual guarda em si suas características que servem aos mais variados fins. Assim também não consideramos que haja relações comparativas entre os gestos da cegueira, vidência e deficiência visual.

Já que tocamos na palavra “máscara”, não podemos deixar de relacionar a epidemia de cegueira branca do livro e do filme com a pandemia relativa ao coronavírus desde 2019 até os dias atuais. São momentos, tanto nas artes literária e cinematográfica, como na vida dita “real”, que nos instigam a perceber o tanto de cegueira discursiva que faz parte do nosso cotidiano, seja ao negar o valor das pesquisas e das ciências, seja ao não querer ver que há um vírus com alto poder de contaminação, por exemplo. Quanta cegueira há nos castelos, nas esplanadas, nas casas brancas, nos centros de pesquisa e no fazer científico e não-científico de cada dia? Quanto poder de existir e de agir vem do nosso ato discursivo de enxergar? Como estamos enxergando? É uma pergunta para nos fazer reavaliar como estamos vivendo: fluxo? polaridade?

REFERÊNCIAS

ÁNANDAMÚRTI, Shrii, Shrii. **Psicologia do Yoga**. São Paulo: Ananda Marga, 2007.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.



OLIVEIRA, R. C. R. **Ouvir ler o (in)visível**. 2016. 134 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2016. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1NL9TtHgkTveIlrAWMB2uutCAyznV32Au/view>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

ORLANDI, E. P. “Segmentar ou recortar”. In. **Linguística: questões e controvérsias**. Uberaba, 1984, p. 9-26.

_____. “Papel da memória”. In.: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. 3ª ed. Trad.: José Horta Nunes. São Paulo: Pontes Editores, 2010, p. 49-56.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4ª ed. Trad.: Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. 64ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, T. C. C. “Discurso e Imagem: perspectivas de análise do não verbal”. **Ciberlegenda**, nº 01, 1998. Disponível em: <www.uff.br/mestcii/tania.htm>. Acesso em: 20 fev. 2014.